

A CONTRIBUIÇÃO DAS VIVÊNCIAS EM DANÇA NA FORMAÇÃO DOS DOCENTES EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Iula Lamounier Lucca

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil.

Mariana Kelly F Rosa

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil.

Polliane Luar Alvarenga

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil.

Patrícia Conceição Rocha Rabelo

Faculdade Pitágoras, Betim, Minas Gerais, Brasil.

Resumo

A dança é um elemento da cultura corporal de movimento obrigatório nas escolas, cuja efetivação é influenciada por experiências prévias dos professores de educação física (EF). Assim, este estudo analisou as vivências de dança de graduandos em EF e a influência do curso em seu interesse pela dança. A amostra foi composta por 127 estudantes, com coleta de dados por questionário. 59,8 % dos graduandos nunca praticaram dança fora da universidade; 7,1 % começaram a praticar devido ao curso; 31,5 % gostariam de atuar com dança; 48 % passaram a gostar mais de dança devido aos espetáculos do curso. Conclui-se que a graduação viabiliza o primeiro contato com a dança à maioria dos graduandos e desperta o interesse pela modalidade, contribuindo para aplicação deste conteúdo no futuro.

Palavras-chave: Arte. Cultura. Aprendizagem. Docentes.

THE DANCE EXPERIENCES CONTRIBUTION IN THE PROFESSIONAL QUALIFICATION OF THE PHYSICAL EDUCATION TEACHER

Abstract

The dance is a corporal culture element which is compulsory in schools, whose effectiveness is influenced by previous experiences of the physical education (PE) teachers. So, this study analyzed the PE students' dance experiences and the influence of this college course on their interest in dance. A sample consisted by 127 college students who answered a questionnaire. 59.8% were never practiced dancing out of the college; 7.1% have started this practice due to course; 31.5% would like to labor with dance; 48% said that the dance admiration was increased by the graduation artistic performances. We concluded that PE course makes possible the first contact with dance to the majority of the students and arouse their interest in dance, contributing to the application of this content in the future.

Keywords: Art. Culture. Learning. Professor.

LA CONTRIBUCIÓN DE LAS VIVENCIAS EN DANZA EN LA FORMACIÓN DE LOS DOCENTES EN EDUCACIÓN FÍSICA

Resumen

La danza es un elemento de la cultura corporal de movimiento obligatorio en las escuelas, cuya efectividad es afectada por experiencias previas de los profesores de educación física (EF). Así este estudio analizó las vivencias de danza de graduandos en EF y la influencia del curso en su interés por danza. La muestra consistió en 127 estudiantes que respondieron un cuestionario. 59,8% nunca practicaran la danza fuera de la universidad; 7,1% empezó a practicar debido al curso; 31,5% quieren trabajar con danza; 48% afirmó que los espectáculos del curso contribuyeron a que les gustara más de danza. Se concluye que la graduación viabiliza el primer contacto con la danza a la mayoría de los graduandos y despierta el interés por la modalidad, contribuyendo a su aplicación en el futuro.

Palabras clave: Arte. Cultura. Aprendizaje. Docentes.

Introdução

O processo de formação acadêmica é essencial para uma atuação profissional ética, consciente e adequada ao bem-estar da população, em especial quando os cursos oferecem amplas possibilidades de atuação, como é o caso da educação física (EF). Embora existam duas graduações, bacharelado e licenciatura em EF, em ambas a ação educadora é primordial, pois estes futuros professores serão formadores de opinião, devem tornar-se agentes norteadores de mudanças de comportamentos, influenciando positivamente os alunos em suas esferas físicas, cognitivas, afetivas e sociais.

Assim, as práticas educativas universitárias devem garantir uma formação ampla, apresentando finalidades para além das técnicas (MADELA et al., 2017), tratando teoria e prática de forma indissociada (BASTOS, 2017), considerando que os saberes estarão sempre associados às experiências de vida (TARDIF, 2014). Deste modo, devem viabilizar experiências variadas, estimulando diversas competências e capacitando o discente ao desempenho profissional, tendo em vista as diferentes possibilidades de atuação com as quais irá deparar-se (PERINI; BRACHT, 2016).

Neste contexto, nota-se que os estudantes escolhem cursos de graduação que ofertam conteúdos relacionados às suas áreas de interesse. No entanto, é possível que o processo de formação desperte o encanto do graduando por outras temáticas, com as quais não teve oportunidade de contato anterior. Esta possibilidade é relevante, especificamente para atuação profissional em educação física escolar (EFE) que, conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), deve contemplar grande diversidade de conteúdos da cultura corporal de movimento, entre os quais os esportes, os jogos, as lutas, as atividades físicas adaptadas, as ginásticas e as atividades rítmicas e expressivas, que incluem as danças.

É importante ressaltar que a dança é uma manifestação cultural, artística, mundial, inerente à existência humana (BOURCIER, 2006; FARO, 2004), que estimula a expressividade e a criatividade apresentando potencial educador e transformador já consagrado na literatura, como se observa por (MARANI; MIRANDA, 2018; SANTOS; GUTIERREZ; ROBLE, 2018; MARQUES, 2007; VIANNA, 2005; BRASILEIRO, 2003; LABAN, 1978).

Neste sentido, Ramos e Medeiros (2018) argumentam que a dança carrega identidade de povos diversos e vai muito além das coreografias, construindo uma realidade social, cultural e política que transforma e educa. Rocha e Rezer (2015, p. 874) reiteram que “a dança se configura enquanto manifestação humana possível de modificações e inserção de novos

conhecimentos”, considerando-a como um estímulo para a reeducação sensível que apresenta um importante potencial emancipador.

Ademais, a dança pode contribuir para manutenção e melhoria da aptidão física dos praticantes (IADMS, 2011), impactando positivamente na saúde e na qualidade de vida de adultos, idosos (GALVÃO; PIMENTA, 2018; VENÂNCIO et al., 2018) e também de pessoas com deficiência (SANTOS; GUTIERREZ; ROBLE, 2018).

No entanto, especificamente no ambiente escolar, as danças ainda ficam restritas a poucas festas folclóricas e atividades extracurriculares, desenvolvidas de forma descontextualizadas do projeto pedagógico escolar (BRASILEIRO, 2003), seja por falta de espaços, pelo descaso com a profissão, ou também por desinteresse, falta de conhecimento e de domínio do conteúdo pelos professores (FIGUEIREDO, 2013), que podem privilegiar a outros, privando seus alunos da vivência em dança.

Esse quadro gera alguns questionamentos: o graduando em EF gosta de dança? Ele vivencia a dança fora do ambiente universitário? O curso de EF pode estimular o interesse do aluno por dança? Considera-se que estas questões sejam importantes para identificar necessidades e anseios destes futuros professores, que poderiam apontar caminhos para melhorias em sua formação e, conseqüentemente, em sua atuação profissional. Assim, o presente estudo tem como objetivo analisar se graduandos em EF vivenciam a dança fora do contexto universitário e se a graduação influencia em seu interesse pela dança.

Métodos

Trata-se de um estudo descritivo, transversal, aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (Parecer: 1.126.044 de 22/06/2015), realizado com estudantes de EF de uma instituição de ensino superior (IES) de Minas Gerais, aos quais foram garantidos os direitos de anonimato e desistência, assim como foram solicitadas autorizações para uso de imagens.

No período da coleta de dados, 305 alunos estavam matriculados nos cursos de bacharelado e licenciatura da IES pesquisada. A amostragem foi aleatória simples. As pesquisadoras visitaram todas as salas de aula do curso divulgando a pesquisa e convidando os graduandos a participarem da mesma. Todos os interessados foram incluídos considerando os seguintes critérios: a) matrícula no curso de EF; b) idade mínima de 18 anos e c) assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido. O único critério de exclusão foi rasura/erro no questionário, sendo que seis voluntários foram excluídos por este motivo. A amostra foi então composta por 127 voluntários, de ambos os sexos.

Os dados foram coletados através de questionário elaborado pelas pesquisadoras contendo perguntas sobre dados pessoais: idade; sexo; estado civil; curso; período, bem como sobre seu envolvimento com a dança: se já praticaram dança fora da IES, quais estilos; se praticaram de forma profissional ou amadora; se pretendiam atuar com dança após a graduação e se os espetáculos artísticos do curso de EF influenciaram sua opção pela graduação e/ou seu gosto pela dança. Inicialmente realizou-se um estudo piloto com 10 pessoas de ambos os sexos, com intuito de verificar a necessidade de alteração do questionário, o que não se fez necessário. Todos os procedimentos foram realizados na IES, antes, durante ou após as aulas. Os dados foram analisados por estatística descritiva, com cálculos de frequência absoluta, relativa, médias e desvios-padrão no programa Excel para Windows 2010.

Resultados

O grupo de voluntários (n = 127) apresentou idade média de $24,3 \pm 5,1$ anos (17 a 44), sendo constituído por 68 mulheres (53,5%). Quanto ao estado civil: 99 (78%) eram solteiros;

19 (15%) estavam casados; um (0,8%) era divorciado e oito (6,2%) não responderam. Um participante não respondeu à pergunta sobre a formação pretendida, 76 (59,8%) responderam que cursavam bacharelado em EF, 35 (27,6%) licenciatura e 15 (11,8%) cursavam disciplinas de ambos.

Quanto às vivências de dança, os dados evidenciaram que a maioria dos voluntários (59,8%) praticava dança apenas no ambiente universitário e que, embora alguns fossem bailarinos e muitos tenham relatado a vivência de diversas modalidades, apenas 31,5% declararam interesse em atuar com dança após a graduação – seja na EFE ou em outros ambientes (Tabela 1).

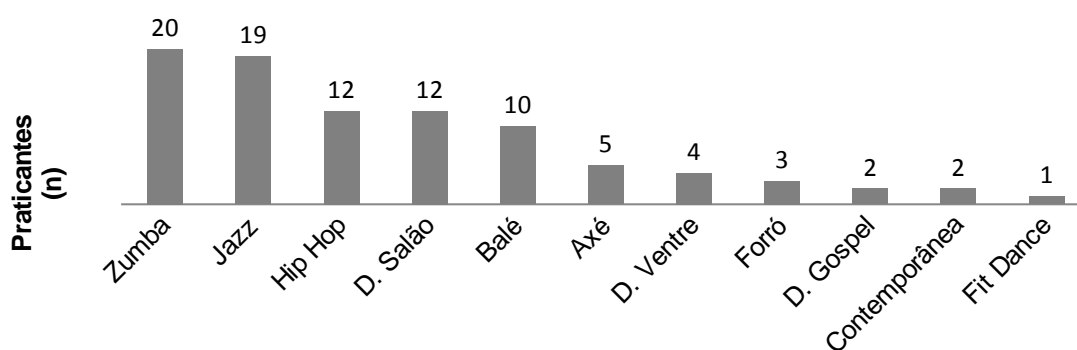
Entre os 51 participantes que praticaram dança fora do ambiente universitário, a maioria citou apenas uma modalidade (n = 29), contudo 22 voluntários relataram a prática de duas a cinco modalidades diferentes, com predomínio da zumba e do jazz (Gráfico 1).

Além disso, evidenciou-se que a maioria dos voluntários tinha participado ou assistido os espetáculos artísticos realizados pelo curso de EF, o que contribuiu para que grande parte deles (48%) gostasse mais de dança e para que alguns (11,8%) escolhessem cursar EF na IES pesquisada (Tabela 2).

TABELA 1 - Envolvimento dos graduandos em EF com a dança

Perguntas	Frequência		
	Absoluta	Relativa	
Você frequenta ou já frequentou aulas de dança fora do curso de EF?	Nunca frequentei	76	59,8 %
	Já frequentei	43	33,9 %
	Frequento atualmente	8	6,3 %
Quantas vezes por semana você faz ou fazia aulas de dança?	Nenhuma	76	59,8 %
	1 vez	12	9,4 %
	2 vezes	19	15 %
	3 vezes	16	12,6 %
	4 ou mais vezes	4	3,2 %
Quando você começou a fazer aulas de dança?	Nunca	76	59,8 %
	Antes de entrar no curso de EF	42	33,1 %
	Durante o curso de EF	9	7,1 %
Você é bailarino?	Não	118	92,9 %
	Sim, sou bailarino amador	7	5,5 %
	Sim, sou bailarino profissional	2	1,6 %
Você pretende atuar com dança depois de formado?	Não	87	68,5 %
	Sim, somente na EFE	15	11,8 %
	Sim, na escola e fora também	25	19,7 %

(n = 127). Abreviações – EF: educação física; EFE: educação física escolar. Fonte: dados do presente estudo, 2019.

GRÁFICO 1 - Modalidades de danças praticadas pelos graduandos fora da IES

(n = 51). Abreviações – IES: instituição de ensino superior; D: dança.
Fonte: dados do presente estudo, 2019.

TABELA 2 - Influência dos espetáculos da EF no interesse pelo curso e pela dança

Perguntas	Frequência	
	Absoluta	Relativa
Assistir ou participar dos espetáculos artísticos da EF contribuiu para você escolher EF nesta IES?	Não	112 88,2 %
	Sim, assistir	9 7,1 %
	Sim, participar como convidado	6 4,7 %
Assistir ou participar dos espetáculos artísticos da EF contribuiu para você gostar mais de dança?	Não	42 33,1 %
	Sim	61 48,0 %
	Nunca participei, nem assisti	24 18,9 %

(n = 127). Abreviações – EF: educação física, IES: instituição de ensino superior.
Fonte: dados do presente estudo, 2019.

Discussão

O presente estudo foi realizado com intuito de investigar se os graduandos em EF vivenciam a dança fora do contexto universitário e se a graduação influencia seu interesse por dança. Percebeu-se que as vivências em dança dos voluntários foram propiciadas predominantemente pela IES e que o processo de formação contribuiu para que gostassem mais de dança, o que pode ser benéfico para sua futura atuação profissional.

É relevante o fato de que para a maioria dos graduandos em EF a prática de dança fique restrita ao ambiente universitário. Este quadro reforça a importância da oferta de atividades acadêmicas associadas ao ritmo, à expressão corporal e à dança particularmente considerando que precisarão abordar este conteúdo como professores de EFE, o que também pode ser necessário em outros campos de atuação.

De fato, um estudo realizado com professores de EFE em Maringá/PR identificou que 84,2% tinham dificuldades no ensino da dança escolar, principalmente devido à falta de conhecimento (42,1%), mas também por falta de afinidade com a área (26,3%), sendo que 31,6 % não tiveram contato com a dança na graduação (PERES; RIBEIRO; MARTINS JR,

2001). Neste âmbito, percebe-se que as dificuldades são reais, e que nem todo o currículo de EF inclui disciplinas associadas à dança.

A despeito de não configurar maioria, muitos graduandos (40,2%) frequentaram aulas de dança fora do ambiente universitário, alguns se intitularam bailarinos, o que exige vivência constante. O curso parece ter estimulado esta prática, considerando a realização de atividades vinculadas à dança após ingresso no mesmo e também relatos específicos de que o início da prática de dança se deu durante as disciplinas diretamente associadas à modalidade. Todas estas vivências são benéficas ao futuro profissional de EF, visto que a dança pode e deveria contribuir para a formação integral, estimulando a criatividade, conscientização, criticidade e cidadania (FIGUEIREDO, 2013). Tais aspectos são importantes tanto para o profissional quanto para seus futuros alunos.

Neste ambiente, toda experiência prévia é bem-vinda, acarretando maior segurança para atuação profissional, pois o saber experiencial é essencial ao saber docente (PERINI; BRACHT, 2016). Corroborando esta ideia, Kleinubing e Saraiva (2009) identificaram que um fator limitador para a inclusão da dança nas aulas de EFE é a falta de vivência dos professores em dança, tanto na vida pessoal como na formação inicial. Além disso, Strazzacappa (2001) apresentou relatos de professores de EFE para os quais as disciplinas da graduação não foram significativas, pelo pouco tempo de aula ou pouca profundidade das mesmas. De forma coerente, Diniz e Darido (2015) demonstraram que os professores de EFE têm pouco conhecimento prévio sobre as danças folclóricas, às quais deveriam ser abordadas na mesma, que o material didático é escasso, e que a formação continuada é importante.

Além disso, considerando as diretrizes educacionais vigentes (BRASIL, 1996), as políticas de inclusão (BRASIL, 2015), a prevalência de 23,9% de algum tipo de deficiência na população brasileira (IBGE, 2012) e os benefícios da dança para este grupo populacional, é provável que esses professores se deparem com situações nas quais as práticas de dança sejam propiciadas a pessoas com deficiência, o que dificulta ainda mais o desenvolvimento desse conteúdo ao se vincular duas áreas da EF nas quais os profissionais podem sentir-se inseguros: dança e atividades físicas para deficientes.

Neste contexto, Santos, Gutierrez e Roble (2018) salientam que a dança para deficientes é um vasto campo de conhecimento ainda pouco familiar que deveria estar mais presente no meio acadêmico e que a dança como arte, cuja expressividade não tem limites, comporta todas as possibilidades, sem necessidade de categorizações, de forma que “cada corpo dotado de suas características peculiares, sejam elas quais forem, pode produzir algo expressivamente interessante para linguagem da dança e remeter-se assim ao humano” (SANTOS; GUTIERREZ; ROBLE, 2018, p. 5). Neste sentido, as oportunidades de vivências de dança com grupos variados deveriam ser estimuladas ao longo da graduação em EF.

Contudo, é provável que os graduandos voluntários no presente estudo tenham menos dificuldades na atuação profissional, pois muitos já praticaram dança e todos cursavam quatro disciplinas associadas a este conteúdo, participando no mínimo três vezes de espetáculos artísticos (Figura 1) que demandavam a realização de pesquisas bibliográficas sobre a história, as características, as técnicas e possibilidades de diversos estilos de danças, bem como práticas de composição coreográfica, organização e apresentações artísticas e também de pesquisas científicas sobre os temas. Atividades estas consideradas relevantes pelos próprios estudantes desta IES, que afirmaram em pesquisa anterior que as mesmas contribuíram de forma importante para o seu aprendizado e formação (SILVA; LUCCA, 2016).

FIGURA 1 - Cenas do espetáculo *Pelas Ruas da Cidade*, que retratou a vida noturna urbana

A: *O querer namorar* (xote); B: *Gatos de rua* (musical).



Fonte: Arquivos do 4º EducaDança – Projeto de Extensão Universitária do Unileste. Fotos: Vinícius Garcia, extensionista do EducaDança.

Ainda assim, lamentavelmente, no presente estudo muitos graduandos (68%) relataram não desejar atuar com dança, seja na escola ou fora dela, entre os quais 18 cursavam apenas licenciatura, indicando que este conteúdo, embora obrigatório, poderá ser preterido pelo professor de EFE. Situação esta que será prejudicial aos alunos, pois Barreto (2004) e Figueiredo (2013) salientam que o processo criativo desenvolvido pela dança na escola contribui para a emancipação do indivíduo. Marani e Miranda (2018) corroboram com esta ideia ao afirmarem que a dança pode unir sensibilidade à racionalidade, não pela reprodução de gestos, mas em sua expressão criadora e transgressiva, permitindo a vivência lúdica, artística, “inaugurando espaços baseados em outras experiências corporais” (MARANI, H. V.; MIRANDA, A. C. M, 2018, p. 921). Neste sentido, Gariba e Franzoni (2007) reforçam que o corpo é um veículo de expressão e comunicação, e que as manifestações artísticas são propulsoras deste veículo, tratando-o em sua totalidade, sendo assim, importantes na formação dos indivíduos.

Apesar dos benefícios citados, a presença restrita da dança no ambiente escolar é comum. Brasileiro (2003, p. 46) percebeu “uma ausência desse conhecimento como prática pedagógica sistematizada no espaço escolar”, enfatizando que a dança tem sido marginalizada nas aulas de EFE. Strazzacappa (2001) afirma que mesmo nas aulas de educação artística a dança é pouco abordada, seja por tradição do uso de artes plásticas, por falta de especialistas ou pelo despreparo do professor, o que novamente reforça a importância de uma boa formação para atuação segura dos professores.

Importante ressaltar que, no presente estudo, muitos graduandos relataram a prática de duas ou mais modalidades de dança, com predominância do jazz, que combina elementos do balé e da dança moderna (FARO, 2004) e da zumba que, como o *fitdance*, mistura estilos musicais variados com coreografias fáceis, sem exigência técnica. Também foram citadas modalidades tradicionais como a dança do ventre, praticada na antiguidade com caráter religioso e atualmente com intuito artístico e meio de melhoria da saúde (OLIVEIRA; MARQUES; SOUTO, 2015); o balé clássico, que foi o primeiro estilo de dança a ser sistematizado (FARO, 2004); a dança contemporânea, que valoriza a liberdade de movimentos, de expressão, de uso do espaço (GREINER, 2009) e a dança de salão, que diverte e envolve os casais em seus diversos estilos (FARENCENA *et al.*, 2016).

Além destas, foram identificadas modalidades recentes como as do movimento *hip hop*, fenômeno cultural no qual estão inseridas as danças de rua (TAVARES, 2010); o axé, cuja divulgação massiva associada ao sexo gerou preconceitos (GUARATO, 2011); e também de um novo estilo praticado nas igrejas, chamado de dança ministerial, litúrgica, sacra ou gospel. Embora não exista consenso quanto ao nome, essa modalidade religiosa tem características próprias, mesclando movimentos da dança contemporânea, do balé, do *hip hop*, do teatro a movimentos livres, simbólicos, com maior valorização da expressividade em detrimento da técnica.

Neste contexto, as preferências dos voluntários do presente estudo se assemelham às dos praticantes de dança do Sesi de Araguaína em Tocantins, que demonstraram maior interesse por forró, 46%, com 20% por zumba e axé com 18% (MARBÁ; SILVA; GUIMARÃES, 2016).

Vale salientar a relevante evidência no presente estudo de que os espetáculos artísticos realizados pelo curso de EF sensibilizaram os graduandos, visto que quase metade dos voluntários passou a gostar mais de dança após assistir ou participar dos mesmos. Embora ficassem receosos diante da obrigatoriedade de participação, após a primeira experiência os alunos sentiram-se mais seguros, demonstrando interesse em participar novamente mesmo quando não precisavam fazê-lo. Este apreço quebra preconceitos e aproxima o profissional de EF do caráter artístico, lúdico, histórico e técnico da dança, proporcionando boas práticas profissionais a estes futuros professores, contribuindo para que mantenham o ensino das danças em diferentes campos de atuação. De fato, os voluntários desta pesquisa demonstraram maior intenção de atuar com a dança (31,5%) que os ingressantes em EF entrevistados por Silva e Carneiro (2006), dos quais apenas 1,73% citaram a dança como área-alvo.

Ademais, além de divulgar a dança e ampliar o interesse pela mesma, os espetáculos artísticos têm contribuído também para o ingresso dos estudantes no curso de EF. É provável que o espetáculo tenha potencial de conscientização de que EF não é sinônimo de esportes e que estimule pessoas da área da dança a ingressar no curso, já que seis entre os nove bailarinos voluntários da pesquisa afirmaram que tais eventos contribuíram para esta escolha.

Ressalta-se que a principal limitação deste estudo foi a falta de tempo disponível dos estudantes entre as aulas para preenchimento do questionário, minimizando o tamanho amostral.

Considerações finais

Os dados analisados no presente estudo indicaram que a maioria dos graduandos em EF praticavam dança apenas no ambiente universitário e que a maior parte não tinha intenção de implementar este conteúdo quando formados, mas também que a graduação pode estimular estas vivências e contribuir para maior apreço pela dança.

As constatações a partir da pesquisa são importantíssimas considerando-se que a dança é um conteúdo obrigatório no ambiente escolar que tem sido negligenciado, em muitos casos, devido ao despreparo e insegurança do professor, o que indica que as grades curriculares, por si só, podem ser insuficientes para contemplar a real necessidade de formação do mesmo. Tal situação poderia ser minimizada por uma maior valorização da dança ao longo da graduação em EF, com a oferta de atividades complementares que ampliariam os saberes do educador físico, contribuindo para maior segurança e interesse em atuar com a dança ao longo de sua trajetória profissional.

Neste contexto, os projetos de extensão universitária que incluem a dança como objeto de estudo e/ou intervenção mostram-se como oportunidades valiosas de experimentação, contato, discussão e análise de aspectos culturais, éticos, estéticos, de questões de gênero, de

limites e possibilidades corporais, de uma infinidade de conceitos e preconceitos que permeiam as danças e precisam ser constantemente debatidos e enfrentados.

Estas experiências podem ser imprescindíveis considerando-se que será no ambiente universitário que muitos graduandos em EF terão os primeiros e únicos contatos com a dança – manifestação artística com alto potencial educador/transformador. Este contato será então benéfico ao desenvolvimento pessoal e profissional dos graduandos, aumentando as chances de que ofertem tais vivências ao longo de sua atuação, impactando positivamente seus futuros alunos, que terão acesso aos benefícios proporcionados pela dança, gerando assim um círculo virtuoso de maior valorização da dança e das artes.

Há que se estimular a percepção da dança como manifestação artística que promove o bem-estar, estimula a formação integral dos indivíduos, sendo altamente versátil, com infinitas possibilidades, níveis de dificuldade e estilos que, com objetivos diversos, podem ser praticados por toda e qualquer pessoa, de forma individual ou coletiva, em teatros, empresas, escolas, salões, praças e residências, encantando, emocionando e, especialmente, predispondo o indivíduo a ‘ser’ humano.

Referências

BARRETO, D. **Dança: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. São Paulo: Autores Associados, 2004.

BASTOS, F. A pesquisa em educação em ciências e a formação de professores. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 23, n. 2, p. 299-302, 2017.

BOURCIER, P. **História da dança no ocidente**. Tradução Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. **Estatuto da Pessoa com Deficiência**, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm> Acesso em: 28 dez. 2018.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases**, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 28 dez. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Educação Física**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASILEIRO, L. T. O conteúdo “dança” em aulas de educação física: temos o que ensinar? **Pensar a Prática**, Goiânia, p. 45-48, 2003.

DINIZ, I. K. S.; DARIDO, S. C. Blog educacional e o ensino das danças folclóricas nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n. 3, p. 701-716, 2015.

FARENCENA, E. Z. P. et al. Dança de salão e sua contribuição para melhoria da saúde e qualidade de vida. **Rev Amazônia Sci Health**, v 4, p. 10-16, 2016.

FARO, A. J. **Pequena história da dança**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

FIGUEIREDO, V. M. C. A dança, a escola e seus diferentes espaços e tempos. **Dança**, Salvador, v. 2, n. 2, p. 81-92, 2013.

GALVÃO, C. M.; PIMENTA, F. Dança para Parkinson: uma revisão de literatura. **Actas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde**. Lisboa: ISPA - Instituto Universitário. 2018. p. 241-249.

GARIBA, C. M. S; FRANZONI, A. Dança escolar: uma possibilidade na Educação Física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 2, p. 155-171, 2007.

GREINER, C. O corpo e suas paisagens de risco: dança/performance no Brasil. **Arte filosofia**, v. 7, p. 185-185, 2009.

GUARATO, R. O popular, os meios e a dança axé no interior das Gerais. **Textos escolhidos de cultura e artes populares**, Rio de Janeiro, 8, n. 1, p. 107-123, 2011.

IADMS. Dance fitness. **International Association for Dance Medicine and Science**, 2011. Disponível em: <<https://www.iadms.org/page/303>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cartilha do Censo 2010: pessoas com deficiência**, 2012. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

KLEINUBING, N. D.; SARAIVA, M. C. Educação Física escolar e dança: percepções de professores do ensino fundamental. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 4, p. 193-214, 2009.

LABAN, R. **Domínio do movimento**. Tradução Ana Maria Barros Vecchi e Maria Sílvia Mourão Netto. 5. ed. São Paulo: Summus, 1978.

MADELA, A. et al. Formação de professores e hermenêutica: reflexões para o campo da educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n. 2, p. 257-267, 2017.

MARANI, H. V.; MIRANDA, A. C. M. Dança e educação: dimensões ético-estéticas do corpo. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 21, p. 913-923, 2018. ISSN 4.

MARBÁ, R. F.; SILVA, G. S.; GUIMARÃES, T. B. Dança na promoção da saúde e melhoria da qualidade de vida. **Revista Científica do ITPAC**, Araguaína, v. 9, n.1, 2016.

MARQUES, I. A. **Ensino de dança hoje textos e contextos**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

OLIVEIRA, L. P. P.; MARQUES, A. C. O.; SOUTO, G. M. S. Dança do ventre e descobertas: percepções das mulheres sobre as mudanças percebidas em si mesmas após a prática. **R Bras Ci Saúde**, v 19, Sup. 2, p. 85-92, 2015.

PERES, A. T.; RIBEIRO, D. M. D. B.; MARTINS JR, J. A dança escolar de 1ª a 4ª série na visão dos professores de educação física das escolas estaduais de Maringá. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 12, n. 1, p. 19-26, 2001.

PERINI, R.; BRACHT, V. Os saberes docentes dos professores de educação física na educação infantil de Serra/ES. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 4, p. 953-963, 2016.

RAMOS, T. A. M. S.; MEDEIROS, R. Educação como expressão do corpo que dança: um olhar sobre a vivência da dança em projetos sociais. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, p. 311-324, 2018.

ROCHA, D. D; REZER, R. Estética, formação inicial e dança: um olhar para a formação de educação física. **Movimento**, Porto alegre, v. 21, n. 4, p. 865-876, 2015.

SANTOS, R. F.; GUTIERREZ, G. L.; ROBLE, O. J. Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social. **Rev Bras Ciênc Esporte**, Campinas, 2018. <https://doi.org/10.016/j.rbce.2018.03.029>.

SILVA, G. F. S.; LUCCA, I. L. Soltinho - composição coreográfica para o EducaDança - Unileste. In: SEMANA INICIAÇÃO CIENTÍFICA E 8ª SEMANA DE EXTENSÃO UNILESTE, 17., 2016. Disponível em: < <https://www.unileste.edu.br/publicacoes/anais/sic-17/extensao>>. Acesso em: 28 dez. 2018.

SILVA, S. A. P. S.; CARNEIRO, A. B. Perfil de ingressantes e razões de escolha pelo curso de educação física. **Motriz**, Rio Claro, v. 12, n. 1, p. 9-21, 2006.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 21, n. 53, p. 1-10, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

TAVARES, B. Geração hip-hop e a construção do imaginário na periferia do Distrito Federal. **Sociedade e Estado**, Brasília, 25, n. 2, p. 309-327, maio/ago. 2010.

VENÂNCIO, R. C. P. et al. Efeitos da prática de dança sênior nos aspectos funcionais de adultos e idosos. **Cad Bras Ter Ocup**, São Carlos, v. 26, p. 668-679, 2018.

VIANNA, K. **A dança**. 3. ed. São Paulo: Summus, 2005.

.....
Recebido em: 25/10/2017

Revisado em: 04/10/2018

Aprovado em: 27/02/2019

Endereço para correspondência:

iula.unilestemg@bol.com.br

Iula Lamounier Lucca

Centro Universitário do Leste de Minas Gerais.

Rua Bárbara Heliadora, 725

Bom Retiro

35180-215 - Ipatinga, MG - Brasil